



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS

GABRIELLA PIRES MORAIS

**PROPOSTA DE LEGENDA PARA SURDOS DO FILME: “SE EU FOSSE
VOCÊ”**

Brasília

2013

GABRIELLA PIRES MORAIS

**PROPOSTA DE LEGENDA PARA SURDOS DO FILME: “SE EU FOSSE
VOCÊ”**

Artigo apresentado para a conclusão e para a obtenção do grau de Bacharela no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação na Universidade de Brasília.

Orientação: Prof. Charles Rocha Teixeira

Brasília
2013

GABRIELLA PIRES MORAIS

**PROPOSTA DE LEGENDA PARA SURDOS DO FILME: “SE EU FOSSE
VOCÊ”**

Artigo apresentado para a conclusão e para a obtenção do grau de Bacharela no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, concedida da Universidade de Brasília.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Charles Rocha Teixeira (Presidente)

Universidade de Brasília

Profa. Helena Santiago Vigata (1ª Examinadora)

Universidade de Brasília

Profa. Soraya Ferreira Alves (2ª Examinadora)

Universidade de Brasília

PROPOSTA DE LEGENDA PARA SURDOS DO FILME: “SE EU FOSSE VOCÊ”

Gabriella Pires Morais¹

RESUMO: Em um mundo globalizado e com a necessidade de inserção de todas as comunidades nesta nova sociedade, a Tradução Audiovisual (TAV) expandiu-se e proporcionou meios para que a acessibilidade chegue a todas as comunidades. Com essa expansão da TAV, a legenda ganhou uma grande notoriedade devido à grande procura pelos produtos audiovisuais ter crescido. Visando inserir a comunidade surda nos meios audiovisuais, este artigo foi escrito com a finalidade de propor uma legenda para surdos do filme “Se eu fosse você” baseando tal proposta nos estudos feitos pelo grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Para que esse objetivo fosse alcançado, fizemos um panorama sobre as principais linhas de abordagem sobre a tradução audiovisual, tendo como base principal as considerações de Chaume (2004), Gambier (2003), Díaz-Cintas (2007) e Araújo (2009). Analisamos, então, as sugestões dadas pelo grupo LEAD aplicando-os em um produto audiovisual para torná-lo acessível à comunidade surda.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual. Acessibilidade. Legenda para surdos

¹ Universidade de Brasília (UnB)

Graduanda em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e a Sociedade da Informação (LEA-MSI)

Gabrella_gpm@hotmail.com

ABSTRACT

In a globalized world and with the need for inclusion of all communities in this new society, the Audiovisual Translation (AVT) has expanded and provided accessibility to all communities. And with this expansion of AVT, the subtitle gained notoriety due to demand for audiovisual products have grown. Therefore and also aiming to put the deaf community in contact with audiovisual products, this article was written with the purpose of proposing a subtitle for deaf people in the movie "If I were you " basing such proposal in studies made by the State University of Ceará (UECE). For this goal may be achieved, we did an overview of the main lines of approach on audiovisual translation, taking as a basis the mains considerations of Chaume (2004), Gambier (2003), Díaz-Cintas (2007) and Araujo (2009). Afterward, we analyzed the suggestions given by the LEAD group applying them on an audiovisual product to make it accessible to the deaf community.

Key words: Audiovisual Translation. Accessibility. Subtitle for deaf.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	02
TRADUÇÃO AUDIOVISUAL.....	02
3 LEGENDA PARA PESSOAS SURDAS.....	06
4 LEGENDA DO FILME “SE EU FOSSE VOCÊ”.....	08
4.1 COR, FUNDO E LIMITE DE LINHAS POR LEGENDA.....	09
4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS FALANTES E EFEITOS SONOROS.....	11
4.2.1 IDENTIFICAÇÃO DOS FALANTES.....	11
4.2.2 EFEITOS SONOROS.....	13
4.3 VOZES FILTRADAS.....	16
4.4 CONDENSAMENTO E TEMPO DE LEITURA.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
6 BIBLIOGRAFIA.....	20
7 ANEXOS.....	20

1 INTRODUÇÃO

Vivendo em uma sociedade globalizada onde a informação é rápida e extremamente importante para uma inserção cultural e social dos indivíduos se faz necessária a utilização de mecanismos que proporcionem acessibilidade às diversas comunidades brasileiras que convivem com algum tipo de deficiência. Contudo, a sociedade e o Governo, por muitas vezes, alegam que acessibilidade se dá apenas no campo da mobilidade urbana, e isto pode ser observado nas leis que já foram aprovados no Brasil, como a LEI N° 10.098, de 19 de dezembro de 2000¹. A referida lei estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação². No entanto, acessibilidade não se dá somente no âmbito físico ou quando se proporciona acesso por meio de rampas aos cadeirantes, mas também ocorre quando é assegurado o acesso aos meios de comunicação em massa. Sendo assim, a comunidade surda por possuir limitação auditiva necessita de recursos que supram suas carências em suas relações interpessoais e que deem acesso a todas as áreas de entretenimento.

Esses recursos já são assegurados através de leis que garantem a inclusão de qualquer pessoa em todos os ambientes, dentre eles o cinema. Contudo, apesar de estes direitos serem garantidos nessas leis, a comunidade surda não usufrui, de fato, de tais benefícios. Uma de suas grandes reivindicações é sobre mais horas de legenda acessível em filmes nacionais e em programações de canais abertos.

Tendo em conta tais aspectos o artigo tem como objetivo principal analisar os estudos feitos na área de legenda para surdos e aplicá-los no filme “Se eu fosse você” tendo por base principal as considerações e pesquisas desenvolvidas pelo grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará.

¹ LEI No 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.html)

² Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

No que concerne à metodologia, utilizamos o método qualitativo devido às características inerentes a esse método serem mais adequadas para a identificação dos processos e objetivo estabelecido pelo presente artigo. A pesquisa qualitativa visa uma análise que se preocupa com o conjunto e o meio da situação inserida, analisando os dados de forma descritiva e observando as mudanças de acordo com as situações vivenciadas. Levando em consideração tais características, fizemos uso desse método visando buscar uma compreensão dos estudos escolhidos através da obtenção de dados dos mesmos, e como se dão os resultados destes em uma aplicabilidade direta em um produto audiovisual. Os passos seguidos nessa metodologia foram: 1) Revisão bibliográfica dos autores principais que tratam do tema; 2) Análise das regras gerais para tal tipo de legenda; 3) Análise do modelo utilizado no Brasil; 4) Estudo dos parâmetros oferecidos pelo grupo LEAD; e por último, a produção da legenda.

O artigo será dividido em quatro partes. Primeiramente, faremos um breve panorama da tradução audiovisual, de como ela é definida e de que maneira se desenvolve atualmente. Posteriormente, abordaremos os parâmetros gerais que devem ser seguidos para a composição de uma legenda para pessoas com deficiência auditiva, com base em uma linha já usada por algumas empresas brasileiras e modelos internacionais. Logo após, demonstraremos como foi feita a produção da legenda do filme escolhido tendo como fundamentado os estudos da Universidade Estadual do Ceará (UECE) realizadas pelo grupo de estudos LEAD (Legendagem e Audiodescrição), abordando as dificuldades e facilidades encontradas no processo da legendagem.

2 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL

A tradução audiovisual emergiu juntamente com a expansão da tecnologia e do crescimento de produtos audiovisuais, tais como: cinema, televisão, rádio, entre outros. Sendo assim, notou-se a necessidade nos anos noventa de estudos mais focados na área audiovisual. Alguns teóricos apontam e se recusam a tratar essa área com uma área da tradução, preferindo entendê-la como um exemplo de adaptação devido às limitações que

restringem a transferência linguística para o terreno audiovisual (DÍAZ-CINTAS, 2007, p. 23).

No entanto, autores como Gambier (1996) e Delabastita (1989) se empenharam em tratar da tradução audiovisual como uma área flexível e capaz de abarcar não só textos e livros, mas também capaz de inserir novas modalidades visuais como ramos da tradução. Sendo assim, podemos falar de tradução audiovisual como uma área da tradução que se caracteriza por uma troca interlinguística que está nos textos originais e que pode ser traduzida através dos canais acústicos e visuais (CHAUME, 2004). Díaz-Cintas (2007) considera que:

o termo “tradução audiovisual” tem sido utilizada como conceito global que envolve as diversas práticas implementadas na mídia no momento da tradução da mensagem de uma língua para a outra, em um formato que é uma interação semiótica entre som e imagem. (DÍAZ-CINTAS, 2007, p.13, tradução nossa).³

Gambier afirma sobre a TAV que: "Enquanto tradução, suas modalidades envolvem três relações fundamentais: a relação entre o verbal, as imagens e a trilha sonora; entre a língua/cultura de partida e a língua/cultura de chegada e por último, a relação entre o código oral e o escrito" (GAMBIER, 2003, p.172, tradução nossa).

A tradução audiovisual está estritamente relacionada com os meios de comunicação em massa, já que faz uso desses canais. Essa relação com esses meios proporcionam facilidades para aqueles que deles utilizam, como no caso de acessibilidade; mais especificamente a legenda para surdos, tema do artigo em questão.

Por ser uma tradução de textos audiovisuais, essa área de tradução se divide em diversas modalidades, e segundo GAMBIER (2003, p. 172-177) pode ser classificada em dois tipos: *dominant e challenging*. Os tipos dominantes de tradução audiovisual são dublagem, interpretação consecutiva, interpretação simultânea, *voice-over*, comentário livre, tradução simultânea, produção

³ el término «traducción audiovisual» se ha venido usando como concepto global que encapsula las diferentes prácticas traductorales que se implementan en los medios audiovisuales a la hora de trasvasar un mensaje de una lengua a otra, en un formato en que hay una interacción semiótica entre el sonido y las imágenes (DÍAZ CINTAS, 2007, p.13).

multilíngue e legenda - esta será explicitada mais adiante -; sendo a dublagem e a legenda os ramos mais conhecidos dentro da tradução audiovisual.

A modalidade de dublagem é estritamente ligada com a tradução de filmes; este processo acontece por meio da substituição da voz original pela que foi confeccionada na língua desejada. Para que exista uma dublagem satisfatória é necessário que alguns passos sejam seguidos desde o momento da escolha do texto visual até o ato da dublagem (CHAUME, 2004, p. 62). Contudo, não entraremos em detalhes neste artigo, devido à complexidade e extensão do assunto.

Já a interpretação consecutiva é uma modalidade que transmite ao telespectador a tradução de algum programa. E pode ocorrer de três formas: 1) ao vivo, em transmissões de discursos políticos, shows ao vivo, etc. 2) gravada anteriormente, programas que optaram por fazer uma interpretação consecutiva ao invés de uma dublagem. 3) link up, interpretação feita em comunicações de longa distância. Além disso, outra modalidade de interpretação é a simultânea que é, geralmente, usada em debates. O profissional que trabalha com essa modalidade deve ter a capacidade de falar o tempo inteiro sem perder a direção da conversa ou do debate (GAMBIER, 2003, p. 172-177).

Apesar de ser parecido com a interpretação simultânea o *Voice Over* ocorre quando algum programa audiovisual é traduzido e sua tradução é transmitida de forma sincrônica, e “*representa a revocalização de um discurso oral em língua estrangeira para um discurso oral na língua da tradução, mas sob uma perspectiva diferente*” (FRANCO e ARAÚJO, 2011, p. 10). A voz que transmite a fala modificada para a língua meta é superimposta em cima da voz fonte (GAMBIER, 2003, p. 172-177).

O comentário livre é uma técnica mais nova e usada como uma forma de acrescentar algo à cena, filme ou novela. A sincronização, nesse caso, é feita com as imagens e não com a trilha sonora. É uma técnica usada para programas infantis e documentários (GAMBIER, 2003, p. 172-177).

A tradução à primeira vista ou simultânea se caracteriza por ser uma tradução de documento escrito para o discurso oral e é feita através de traduções já produzidas em outras línguas ou de um conjunto de diálogos disponíveis para o tradutor. Essa modalidade é mais usada em festivais e sessões de arquivos fílmicos (GAMBIER, 2003, p. 172-177).

A última modalidade tratada nessa seção de *dominant types* é a produção multilíngue que oferece várias possibilidades de execução. Dentro dessa última modalidade, existe a produção *double version* onde os atores interpretaram em sua própria língua, e após esse passo o filme é dublado e sincronizado em uma língua apenas. De outro lado, também temos os *remakes* que se diferenciam por ser uma recriação de um filme ou novela feita de acordo com as ideologias e pensamentos da época atual. Isso ocorre devido às mudanças culturais que são observadas entre anos ou décadas (GAMBIER, 2003, p. 172-177).

Outra modalidade de Tradução Audiovisual seria a *challenge types*. Esse ramo da área audiovisual leva esse nome devido à necessidade de inovação e transposição de obstáculos que foram causados com o advento da tecnologia. Alguns desses tipos são: tradução de cenário/script para a aprovação de financiamento para a produção; legenda intralingual feita para o benefício dos surdos e ensurdecidos, e também com o intuito de auxiliar os imigrantes com o aprendizado de uma nova língua; legenda em tempo real usada, geralmente, em ocasiões de transmissões inesperadas; *surtiting* que são legendas usadas em cima de palcos de teatro e nas costas dos assentos; e por último, a áudiodescrição que possui como principal característica o fato de proporcionar informações a pessoas com deficiências visuais através de descrições orais para o telespectador. Nessa descrição o áudiodescritor descreve o vestuário, linguagem corporal, expressões faciais, cenário, etc; e tudo isso feito sem interferência no que acontece na cena (GAMBIER, 2003, p. 172-177).

Podemos observar que a área de tradução audiovisual é muito ampla e se renova à medida que as tecnologias avançam. Orero acrescenta que essa área de tradução audiovisual *“irá abranger todas as traduções multissemióticas*

voltadas para a produção ou pós-produção em qualquer mídia ou formato” (ORERO, 2007, p. 23); portanto, deve ser uma área que insere e facilita o acesso à mídia não somente de pessoas que não possuem nenhuma limitação auditiva ou visual, mas também deve ser um ramo que também facilita o acesso às pessoas com algum tipo de deficiência. E é nessa nova área de acesso à mídia que se encontra a legenda para surdos, tema do artigo.

3 LEGENDA PARA SURDOS

A legenda para pessoas surdas ou para ensurdecidos é uma atividade profissional muito recente no mundo inteiro e no Brasil e que enfrenta ainda muitas dificuldades. Contudo, antes de darmos uma perspectiva de quais são os mais relevantes trabalhos nessa área em nosso país, devemos primeiro definir o que seria essa atividade profissional denominada legenda para surdos, mais conhecida pela sigla SDH “*Subtitling for the Deaf and The Hard-Of-Hearing*”.

A legenda para surdos “*é um recurso de acessibilidade para espectadores surdos que consiste na inserção de legendas em produções audiovisuais*” (ARAÚJO, 2008, p. 60). E segundo Jaúdenes e Gómez “*é um serviço de apoio à comunicação que mostra na tela, mediante texto e gráficos, os discursos orais, a informação suprasegmental e os efeitos sonoros que se produzem em qualquer obra audiovisual*”⁴ (JÁUDENES CASAUBÓN E GÓMES NIETO, 2006, p. 03, tradução nossa). Nesse tipo de legenda, pretende-se introduzir informações adicionais para aqueles cuja principal forma de absorção de informação ocorre através da visão. Segundo Araújo (2008), existem dois tipos de informações adicionais. A primeira forma é a identificação do falante, pois no momento da reprodução audiovisual o falante deve ser identificado para que não haja obstáculos na compreensão da pessoa com deficiência auditiva (IVARSSON, 1998, p. 130). E o segundo tipo de informação adicional é a inclusão de efeitos sonoros que devem ser devidamente identificados e

⁴ «servicio de apoyo a la comunicación que muestra en pantalla, mediante texto y gráficos, los discursos orales, la información suprasegmental y los efectos sonoros que se producen en cualquier obra audiovisual» (JÁUDENES CASAUBÓN E GÓMES NIETO, 2006, p. 03).

citados no decorrer da produção audiovisual para que a pessoa com deficiência auditiva seja inserida no contexto e saiba o que ocorre durante o produto assistido por ele (IVARSSON, 1998, p. 30). Contudo, algumas informações não precisam ser dadas, visto que a própria imagem já demonstra o que está acontecendo. Além disso, Díaz-Cintas (2007, p. 46) acrescenta e define a legenda para surdos como uma prática sociolinguística que consiste em oferecer também em seu texto escrito os diálogos dos atores, informação suprasegmental, efeitos sonoros, que são escutados na trilha sonora, elementos discursivos que fazem parte da fotografia; e outros elementos discursivos que são identificados em canções e músicas do produto.

A legenda para surdos aqui no Brasil começou a ser produzida após a criação da Lei Nº 5.296⁵ de dois de dezembro de 2004 que determina a acessibilidade audiovisual nas grades abertas das redes de televisão, para pessoas com deficiência auditiva. Após a determinação por parte do Governo a comunidade surda teve sua primeira experiência com a programação audiovisual acessível no Jornal Nacional, na Rede Globo, que seguia o modelo americano de legenda. A Rede Globo apresentava e apresenta dois tipos de legendas: a *Roll-up*, tipo de legenda que surge da parte inferior da tela e segue subindo para a parte superior, respeitando as quatro linhas de descrição e a direção das letras que começa da esquerda para a direita (ARAÚJO, 2004, p.3). Esse tipo de legenda é mais usado em programas ao vivo; e a *Pop-on* que é mais usada nos filmes da emissora em questão, sendo que o que a diferencia da anterior é o tipo de captação, já que esta é feita com a sincronização do discurso com a imagem e aquela com transcrição do discurso (FRANCO e ARAÚJO, 2003, p. 250-251).

Como já dito acima, a legenda para surdos brasileira mais conhecida nas cadeias de transmissão abertas são *roll-up* e *pop-on*, e não possuem, na maioria das vezes, um sincronismo da fala com a imagem; pelo contrário, são atrasadas dois segundos para que o surdo possa visualizar a imagem com mais tranquilidade; porém as regras, que não são usadas por essas emissoras, causam confusão e distração na comunidade surda.

⁵ Lei Nº 5.296 - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm

Tendo em vista tais dificuldades encontradas pela comunidade surda o grupo de pesquisa LEAD da Universidade Estadual do Ceará realizou alguns estudos com o intuito de propor um modelo de SDH para os telespectadores brasileiros; este estudo foi realizado com 12 pessoas surdas que faziam parte do Instituto de Educação para Surdos do Ceará.

O primeiro estudo foi realizado no próprio instituto com a participação de surdos de nascença e 13 ouvintes que analisaram as legendas SDH feitas pela TV Globo. No decorrer do estudo alguns questionamentos foram levantados e sugestões foram feitas pelos estudantes que participaram do projeto. Algumas hipóteses foram confirmadas, e a mais importante delas foi que a sincronização do discurso com a imagem na legenda facilita o entendimento daquele que assiste, e devem ser condensados para que o tempo de leitura diminua (FRANCO e ARAÚJO, 2003).

Devido a essas confirmações, em um segundo momento da pesquisa a coordenadora da pesquisa condensou as legendas *pop-on* e submeteu os mesmos alunos a perguntas que os indagava sobre o entendimento do programa e os detalhes nele contidos; constatando assim que o desempenho destes foi melhor com as legendas condensadas do que com as diretas e totalmente transcritas, já que com menor tempo de leitura a compreensão geral e a observação dos detalhes ficam mais evidentes, pois o tempo que levariam para ler uma legenda maior e totalmente fidedigna, agora é usado para uma visualização do filme em si, como imagens e detalhes (FRANCO e ARAÚJO, 2003).

Diante destes dois estudos, o foco do terceiro foi sobre as legendas condensadas e a edição, o estilo, a pontuação, o uso de colchetes para identificar os falantes, a cor utilizada e o tipo de linguagem usada nestas possíveis legendas; então, após encontros algumas propostas e sugestões foram levantadas, como: 1) A cor da legenda deve ser amarela em um fundo transparente; 2) legendas condensadas do discurso original; 3) A identificação dos falantes, efeitos sonoros que devem ser colocados em colchetes; 4) As vozes filtradas (TV, rádio, telefone) que devem ser postas em itálico; 5) A linguagem que deve ser formal, já que proporcionaria um ensino a mais para as

pessoas com essa deficiência auditiva; 6) Considerar o tempo de leitura do telespectador, com menos de 145 palavras por minuto e 14 caracteres por segundo; 7) Máximo de duas linhas por legenda, considerando a quebra de linha e o número de palavras por minuto (ARAÚJO, 2009, p. 173).

Diante de tais sugestões, podemos observar que não são muitas as diferenças entre as legendas dos ouvintes para as destinadas para a comunidade surda, levando em consideração que a legenda para ouvintes possui parâmetros de duas linhas por legenda contendo aproximadamente 145 ou 150 palavras por minuto, com a contagem de 64 caracteres em no máximo 6 segundos em cada legenda e, além disso, oferece a sincronização entre a legenda, fala e imagem. Além disso, tem como característica o fato de condensar e retirar informações irrelevantes ou omitir palavras repetidas, interjeições, clichês, etc; para que assim seja facilitada a leitura e a compreensão das pessoas em um tempo razoavelmente rápido (ARAÚJO, 2004). Entretanto, para as pessoas com deficiência auditiva as diferenças entre a legenda aberta e a fechada, caracterizada pelas informações adicionais e destinada a essa comunidade, proporcionam um entendimento muito melhor do produto audiovisual e aumentam a possibilidade de inserção cultural e social dessa comunidade. Levando em consideração essas propostas e sugestões, propomos uma legenda para o filme “Se eu fosse você”.

4 LEGENDA DO FILME “SE EU FOSSE VOCÊ”

O filme “Se eu fosse você” é uma produção de 2006 com distribuição da Fox Film do Brasil e Coprodução da Globo Filmes. O filme dirigido por Daniel Filho é uma comédia que trata de um casal que não compreende as diferenças entre eles, e devido a esse problema na relação uma conjunção astral faz com que os dois troquem de corpos para que aprendam a conviver e a compreender as diferenças existentes entre eles.

O filme em questão teve grande repercussão no Brasil, atraindo muitos telespectadores aos cinemas e, posteriormente, as lojas; e por esse motivo foi que se deu a escolha do filme para o artigo. Diante dessa notoriedade nacional

a procura pelo filme foi grande, porém a comunidade surda não teve o acesso merecido, visto que o filme, por ser nacional não possuía nem legendas abertas, muito menos, legendas para deficientes visuais. Visando suprir essa lacuna e proporcionar um acesso a essa comunidade, produzimos uma legenda utilizando o programa *Subtitle Workshop* e baseando a produção da mesma nos estudos do LEAD, demonstrados acima. A demonstração da legenda produzida seguirá a ordem das sugestões dadas pelos estudos feitos por Vera Lúcia Santiago Araújo. Faremos uma abordagem dos problemas técnicos encontrados, das dificuldades enfrentadas ao se pôr em prática as sugestões dadas no estudo do LEAD.

4.1 COR, FUNDO E LIMITE DE LINHAS POR LEGENDA

As legendas do filme, segundo os estudos de Araújo (2009, p. 164) devem ser amarelas em fundo transparente, como demonstrado abaixo. Os participantes que participaram do estudo do LEAD com a orientação da Vera Lúcia Santiago Araújo alegaram que com o fundo transparente a visualização é melhor e não interfere na imagem. Todavia, encontramos algumas dificuldades no programa para que a coloração ficasse como deveria.



Figura 01- Helena falando com Cida

Com esse tipo de legenda é perfeitamente possível a visualização completa da imagem, sem nenhuma interferência, de maneira que com o fundo

preto a visualização teria um comprometimento. Vemos também que o modelo proposto pelo LEAD, no caso do fundo, é igual ao usado para os videntes.

Díaz-Cintas e Remael (2007) acrescentam que as legendas devem ser postas no centro da tela ou alinhadas à esquerda, e com tamanho de fonte 32, sendo que o modelo da fonte pode ser escolhida pelo legendador, as fontes indicadas pelo autor são: Helvetica, Arial ou Times New Roman. A indicação dos autores sobre a posição das legendas coincidiu com a sugestão proposta pelos participantes que disseram preferir a posição central das legendas, devido à facilidade de visualização. Esse parâmetro e a sugestão feita por Araújo (2009) sobre o limite de duas linhas por legenda, considerando a quebra de linha e o número de palavras por minuto, podem ser observados na figura 01.

4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS FALANTES E EFEITOS SONOROS

4.2.1 IDENTIFICAÇÃO DOS FALANTES

Uma das sugestões diz respeito à identificação dos falantes, que deve ser colocada entre colchetes (Fg. 2). Durante o estudo os participantes foram submetidos ao modelo europeu, no qual o falante é identificado através de diferentes cores; contudo, segundo Araújo, eles declararam que *“acharam confuso e expuseram que o uso dos colchetes era uma maneira mais fácil para identificar”* (ARAÚJO, 2009, p. 164). A autora aponta duas razões por essa escolha dos participantes: o hábito, por ser mais fácil lidar com o tipo de legenda já conhecido; e o sistema de cor usado, por possuir muitas cores e causar confusão. Sendo assim, Araújo aceitou a sugestão pelo o uso dos colchetes a cada vez que um personagem falasse.



Figura 02- Cida

A utilização do colchete no filme foi simples, contudo alguns problemas foram encontrados a respeito do número de caracteres.



Figura 03 – Helena e Cláudio brigando

Outro aspecto em relação à identificação dos falantes pode ser observado na cena acima. Por se tratar de duas pessoas conversando sobre o mesmo assunto e ao mesmo instante, ocasionou uma dificuldade ao número de caracteres, devido ao fato do nome do falante ter que ser identificado e o discurso escrito ao mesmo momento, provocando uma necessidade de um número maior de caracteres e uma dificuldade em se seguir todas as recomendações do estudo em uma só legenda. Esse fato ocorreu por diversas

vezes no filme, acarretando um impasse quanto colocar ou não os nomes dos personagens, isso porque ambos os falantes falam a mesma frase.

No entanto, existiu também outro problema relacionado à identificação que ocorreu devido ao tempo. E em um filme com muitos diálogos o tempo para a legenda é muito curto e o espaço para transcrição do discurso também, logo, toda vez em que um falante aparece o nome deve ser colocado novamente, ocupando assim mais caracteres e diminuindo o tempo de leitura, ocasionando assim um problema para os surdos, pois no caso destes o tempo deveria ser maior para uma melhor compreensão. Usando os parâmetros, neste caso, de Díaz-Cintas e Remael (2007), já que Araújo não estabelece essas sugestões no seu mais recente estudo e se baseia nesses autores; os autores afirmam que para obter esses resultados deve-se respeitar alguns parâmetros de velocidade, que são eles: 145 palavras por minuto (ppm), 160 ppm e 180 ppm; sendo que essas palavras sejam divididas em duas linhas cheias, nas quais cada linha possua 32 caracteres, em um total de 64 caracteres; e um tempo máximo de 4 segundos. Porém, por diversas vezes, esse parâmetro não é aplicável devido à velocidade das falas no filme, e isso ocasiona uma provável perda de informação.

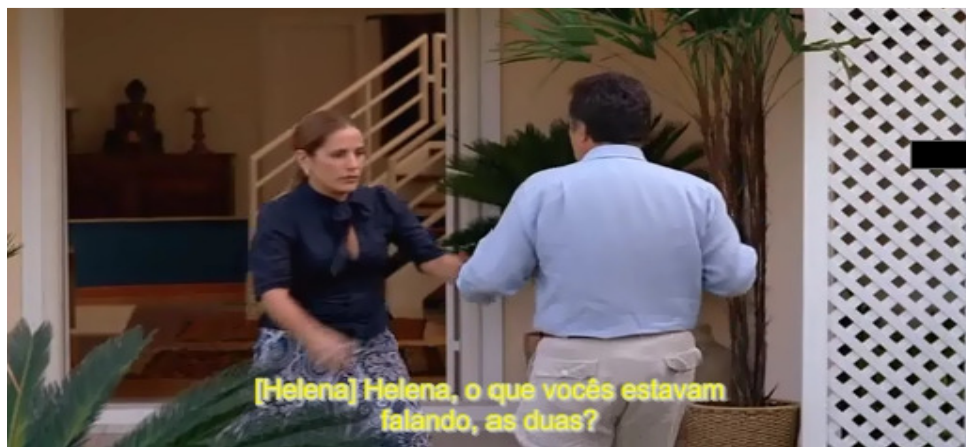


Figura 04 – Helena e Cláudio conversando

Outra dificuldade encontrada no momento da identificação dos personagens foi pelo fato de o filme tratar da troca de sexos entre os protagonistas, Helena e Cláudio. Na maior parte do tempo, os falantes apareciam entre colchetes e sua fala se referia a eles mesmos, como podemos ver na figura acima. Na cena em questão, Cláudio que é Helena, devido à

troca, fala com a Helena que está no seu corpo, portanto a legenda aparece fazendo referência à imagem da pessoa, e não ao enredo do filme que trata sobre a troca dos sexos. A escolha por identificar os falantes segundo a imagem deveu-se ao fato de manter a originalidade e o efeito de “confusão” proposital feita pelo autor e para que assim como os ouvintes, os surdos pudessem também sentir a estranheza ao se ouvir/ler a falta de associação da imagem com o falante; e, além disso, para que eles percebessem por si só a troca de sexos e fizessem a associação da mudança de comportamento.

4.2.2 EFEITOS SONOROS

Segundo os estudos já citados, devem-se identificar os efeitos sonoros da cena entre colchetes, desde que façam parte da construção da narrativa fílmica. Deve-se sempre acrescentar os sons do ambiente, as emoções, explicações, especificação da intensidade da música e as pausas ocorridas durante o processo (Díaz-Cintas, 2007). Essas informações devem ser mostradas, pois, como já dito, fazem parte da narrativa fílmica, que diz respeito à dimensão ficcional em uma narrativa do filme, ou seja, a realidade ficcional passada no filme; dizemos então que algo faz parte ou não da diegese do filme quando, por exemplo, uma propaganda de algum produto ou algum efeito sonoro faz parte do enredo do filme, sendo assim uma parte integrante da história contada pelo autor (LODGE, 1996).

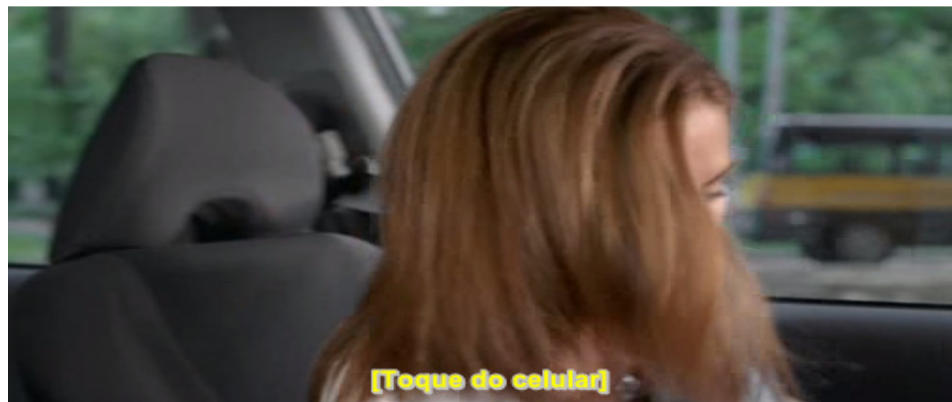


Figura 05 – Helena atendendo o celular

Como podemos ver acima, nós identificamos o toque do celular entre colchetes, já que essa informação só é percebida pelos ouvintes e deve ser

identificada para os surdos, pois na próxima cena a personagem atenderá ao telefone e, além disso, este não aparece na imagem. A não identificação do toque do celular causaria em quem assiste e possui deficiência auditiva, uma estranheza ao perceber que a personagem se assusta com algo, e seu olhar se dirige para a parte inferior da tela, pois algo lhe chamou a atenção; sendo assim, essa falta de informação ocasionaria um desconforto por não saber do que se trata, e uma exclusão do contexto da cena seguinte, que seria a conversa de Helena, personagem principal, com sua mãe, que também é identificada com a formatação em itálico, pois não aparece na cena (Fig. 06).



Figura 06 – Helena falando com Vivinha no telefone

Outro ponto que envolve os efeitos sonoros no filme é a identificação das músicas, que por fazerem parte da narrativa fílmica devem ser legendadas e postas em itálico (ARAÚJO, 2009, p.163). Contudo, no filme a música está em uma língua desconhecida da maioria, o alemão, e por este motivo, não daria para descrevê-la. Além disso, o autor do filme não a caracteriza importante para a narrativa, pois não a transcreve para os ouvintes. Diante disso, a melhor estratégia foi apenas identificar o gênero musical e o autor da música tocada (Fig. 07).



Figura 07 – Coral cantando

Podemos observar que o uso da legenda é extremamente necessário, pois sem ela o surdo não tem a capacidade de saber por que os personagens estão reagindo a um determinado tipo de estímulo sonoro.



Figura 08 – Som de buzina

4.3 VOZES FILTRADAS

No que concerne às vozes filtradas, sabemos que estas devem ser identificadas e que devem vir em *itálico* (ARAÚJO, 2009, p. 163). Essa identificação pode ser observada na cena que Helena assiste a TV e conversa com Cláudio ao mesmo tempo (Fig. 10). Contudo, por diversas vezes, muitas dificuldades foram encontradas no processo dessa identificação; essa

dificuldade existiu, mais uma vez, devido ao tempo que é curto e aos diálogos que são intensos, assim fazendo com que alguns elementos não pudessem ser identificados ou que respeitassem um tempo de leitura aceitável.



Figura 09 – Helena conversando com Cláudio



Figura 10 – Som da TV identificada em itálico.

4.4 CONDENSAMENTO DE LEGENDAS E TEMPO DE LEITURA

Quando o estudo trata sobre condensar as falas do discurso original a proposta é para que o tempo de leitura diminua para proporcionar um tempo maior da compreensão geral do filme, ou seja, uma associação do visual

(imagem) e do discurso em tempo hábil para a leitura (FRANCO e ARAÚJO, 2003). Contudo, essa condensação não é um caminho com muitas facilidades; na maioria das vezes essa estratégia de condensar se transforma em uma retirada completa ou parcial do discurso original ou transformação em outra sentença com o mesmo sentido, como podemos ver na cena que segue (Fig. 11). Nas cenas abaixo, a opção foi retirar o discurso de Cibele tendo em vista que tanto ela quanto Cláudio, personagem de Tony Ramos, falavam ao mesmo tempo e rapidamente.



Figura 11 – Cláudio e Cibele conversando



Figura 12 – Cibele e Cláudio conversando

A melhor escolha encontrada neste caso foi de começar o discurso de Cibele, levando em consideração que sua imagem aparece falando (Fig. 11), e na segunda cena (Fig. 12), embora de costas, ela continue falando. A retirada dessa continuação da fala de Cibele não causa prejuízo ao entendimento, pois

sua fala não é algo inteiro no decorrer da cena e sem importância ao contexto das cenas anteriores e seguintes.

Por outro lado, quando os parâmetros de condensação são aplicáveis podemos obter um tempo maior de leitura e uma visualização maior da cena em geral. Como podemos notar nas cenas abaixo, o discurso sem a condensação é longo para um tempo curto, pois Cláudio está brincando com Cida, e devido a esse momento de descontração na cena, ambos falam muito rápido, acarretando pouco tempo para a transcrição do discurso e para a leitura.



Figura 13 – Discurso sem a condensação

Sendo assim, a melhor opção é condensar o discurso e adaptar a frase a essas dificuldades, e deixá-la com o mesmo sentido e com um maior tempo para a leitura (Fig. 14).



Figura 14- Discurso com a condensação

Levando em consideração o estudo do LEAD, as legendas produzidas seguiram as sugestões e os parâmetros supracitados; contudo, como podemos observar, algumas adaptações foram feitas devido às dificuldades de se fazer a legenda de modo integral de acordo com a proposta dos estudos, haja vista que alguns detalhes mudam de produto para produto e, sendo assim, devem ser feitas adaptações que se enquadrem nos parâmetros seguidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visou demonstrar que com o advento da tecnologia a tradução audiovisual, que se deu com a expansão e crescimento de produtos audiovisuais, se tornou uma área de suma importância para a inserção de todas as comunidades neste mundo interligado e cheio de novas informações a todo instante. Devido a essa área estar estritamente relacionada com os meios de comunicação em massa, ela proporciona dificuldades e facilidades para as pessoas que vivem nesse novo mundo. Visando facilitar e proporcionar acessibilidade à comunidade surda aos filmes nacionais, o artigo em questão discorreu sobre os principais aspectos da tradução audiovisual e seus ramos, e sobre os estudos feitos pelo Grupo de Legendagem e Audiodescrição (LEAD), orientado pela professora Vera Lúcia Santiago Araújo, para que fossem aplicados no filme “Se eu fosse você” as sugestões dadas no ramo de legendagem.

Após as análises dos estudos do LEAD, produzimos as legendas seguindo os parâmetros apontados pelo grupo. Neste processo de produção das legendas para os surdos, muitas dificuldades foram encontradas no que concerne à aplicabilidade integral dos parâmetros percorridos durante o artigo. As principais dificuldades encontradas foram com o tempo para a inserção das legendas em um filme com muitos diálogos rápidos, causando uma perda de informação e de associação do discurso com a imagem. E outra dificuldade enfrentada e que ocorreu com bastante frequência diz respeito à identificação dos efeitos sonoros associado ao tempo, que era muito curto ou inexistente para a sua inserção; outros empecilhos foram encontrados também, porém com uma facilidade maior para ser enquadrada nos parâmetros do estudo de Araújo. Todos os obstáculos encontrados provocaram a procura de estratégias

para que as legendas cumprissem o papel de colocar a pessoa com deficiência auditiva no filme e proporcionassem um entendimento completo do que se passava nas telas.

Levando em consideração, os estudos da TAV, os estudos feitos pela Universidade Estadual do Ceará e a aplicação deste conteúdo nas legendas produzidas, concluímos que é de grande utilidade os atuais estudos já publicados e que também é de grande necessidade a continuação destes para que haja uma inclusão das comunidades surdas em todos os ambientes tecnológicos. Contudo, apesar destes estudos apresentarem parâmetros como os que foram usados como base para o artigo e para a produção das legendas, essa é uma área na qual se deve procurar mais pesquisas e estratégias que possam remediar possíveis dificuldades que serão encontradas durante o processo de legendagem.

6 BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **Closed subtitling in Brazil In: Topics in audiovisual translation.** 1 ed. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2004.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **Subtitling for the deaf and hard-of-hearing in Brazil. Media for All,** Amsterdam/New York, NY, 2007.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **Por um modelo de legendagem para Surdos no Brasil. Tradução e Comunicação,** Revista Brasileira de Tradutores, 2008.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **“In Search of SDH Parameters for Brazilian Party Political Broadcasts”.** The Sign Language Translator and Interpreter, 2009.

CINTAS, Jorge Díaz. **La traducción audiovisual: El subtitulado,** 2007

CINTAS, Jorge Díaz; REMAEL, Aline. **Audiovisual Translation: Subtitling.** Manchester, UK & Kinderhook (NY), USA: St. Jerome Publishing, 2007.

CHAUME, Frederic. **Cine y traducción.** Cátedra, 2004

DAVID LODGE: "**Mimesis and Diegesis in Modern Fiction**", in Essentials of the Theory of Fiction, ed. por Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (2ª. ed., 1996);

DELABASTITA, D. (1989): «**Translation and mass-communication: film and TV translation as evidence of cultural dynamics**», Babel, 35, 4, 1989, pp.193-218.

FRANCO, ELIANA PAES CARDOSO E VERA LÚCIA SANTIAGO ARAÚJO 'Reading Television – Checking Deaf People's Reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil', The Translator 9(2): 249-67, 2003

GAMBIER, Y. Screen Translation. In "**The Translator Studies in Intercultural Communication**", vol. 9, nº 2. Manchester: St. Jerome, 2003.

GAMBIER, Y. (1996): «Introduction: la traduction audiovisuelle un genre nouveau?». En: GAMBIER, Y. (ed.) Les transferts linguistiques dans les medias audiovisuels. Villeneuve d'Ascq (Nord): Presses Universitaires du Septentrion, pp. 7-12.

IVARSSON, Jan. **Subtitling**. Simrishamn, TransEdit, 1998.

JÁUDENES CASAUBÓN, Carmen / Begoña GÓMEZ NIETO. Observaciones de FIAPAS al informe realizado por el Dr. Jorge Díaz Cintas «**Competencias profesionales del subtitulador y el audiodescriptor**», 2006

ORERO, P. (eds). **Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language**. 1. ed, Kenilworth, Nova Jersey, EUA

7 ANEXOS

1- CD - contendo legendas e filme

